



USO DE MEDICAMENTOS PSICOATIVOS ENTRE PROFISSIONAIS DE SAÚDE
USE OF PSYCHOACTIVE MEDICATION BETWEEN HEALTH PROFESSIONALS
USO DE DROGAS PSICOATIVAS ENTRE PROFESIONALES DE LA SALUD

Maria da Piedade Gomes de Souza Maciel¹, Fernanda Lopes Santana², Cristiane Maria Alves Martins³,
Willienay Tavares Costa⁴, Lettizia dos Santos Fernandes⁵, Jéssica Sardanha de Lima⁶

RESUMO

Objetivo: analisar o uso de medicamentos psicoativos entre profissionais da saúde. **Método:** estudo descritivo, de abordagem quantitativa, com 123 trabalhadores de dois hospitais públicos, utilizando um questionário para a coleta de dados. Em seguida, os dados foram processados no Excel e analisados com a literatura. **Resultados:** entre os participantes, 37,4% tinham 16 ou mais anos de atuação na área; 14,6% consideravam-se estressados; 13% sofriam de insônia; 9,76% alegaram que o uso de medicamentos psicoativos tinha relação com o trabalho; na categoria tranquilizantes e ansiolíticos, 37,4% faziam uso desse tipo de medicamento e, na categoria dos opiáceos, 23,5%. **Conclusão:** a carga horária excessiva de trabalho, o estresse, más condições de trabalho e noites em claro foram mostrados como motivos para o uso desses medicamentos. **Descritores:** Saúde Mental; Saúde; Psicoativos; Profissionais da Saúde.

ABSTRACT

Objective: to analyze the use of psychoactive drugs among health professionals. **Method:** descriptive, quantitative approach, with 123 workers from two public hospitals, using a questionnaire to collect data. The data was then processed in Excel and analyzed with the literature. **Results:** among the participants, 37.4% had 16 or more years of work in the area; 14.6% considered themselves stressed; 13% suffered from insomnia; 9.76% claimed that the use of psychoactive drugs was related to work; in the tranquilizing and anxiolytic category, 37.4% used this type of drug and, in the opiates category, 23.5%. **Conclusion:** excessive workload, stress, poor working conditions and clear nights were shown as reasons for using these medications. **Descriptors:** Mental Health; Cheers; Psychoactive; Health Professionals.

RESUMEN

Objetivo: analizar el uso de drogas psicoactivas entre profesionales de la salud. **Método:** estudio descriptivo de un enfoque cuantitativo, con 123 trabajadores de dos hospitales públicos, mediante un cuestionario para la recogida de datos. En seguida, los datos fueron procesados en Excel y analizados con la literatura. **Resultados:** entre los participantes, 37.4% tenían 16 o más años de experiencia en el área; 14.6% se han considerado con estrés; 13% sufrían de insomnio; 9.76% afirmaba que el uso de drogas psicoactivas tenía relación con el trabajo; y en la categoría de medicamentos ansiolíticos y tranquilizantes, 37,4% hacían uso de este tipo de medicina y, en la categoría de los opiáceos, 23.5%. **Conclusión:** el exceso de horas de trabajo, estrés, malas condiciones de trabajo y noches sin dormir se mostraban como razones para el uso de estos medicamentos. **Descriptores:** Salud Mental; Salud; Psicoactivas; Profesionales de la Salud.

¹Enfermeira, Mestre em Ensino na Saúde, Universidade Federal de Alagoas/UFAL. Maceió (AL), Brasil. E-mail: piedadeenfa@hotmail.com;

^{2,6}Graduandas em Enfermagem, Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas/UFAL. Maceió (AL), Brasil. E-mails: fernandalopes92s@gmail.com; jessica-cnp@hotmail.com; ³Enfermeira, Mestre em Saúde Pública, Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas/UFAL. Maceió (AL), Brasil. E-mail: cmamartins@gmail.com; ⁴Enfermeira, Mestranda, Programa de Pós-graduação em Nutrição, Universidade Federal de Alagoas/UFAL. Maceió (AL), Brasil. E-mail: naytavareswt@gmail.com; ⁵Graduanda em Enfermagem. Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas/UFAL. Maceió (AL), Brasil. E-mail: lettiziafernandes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Substâncias químicas que causam alterações na consciência são utilizadas pelo homem em toda a história, produzindo reações físicas ou psíquicas que causam prazer. Nos dias atuais, muitos indivíduos as utilizam para este fim, considerando principalmente as substâncias legais e socialmente aceitas, como a cafeína, o álcool e o tabaco.¹

No decorrer dos anos, elas foram trabalhadas, melhoradas e, então, passaram a se difundir, com o objetivo de alcançar o prazer supremo e passageiro. Nos anos 80, houve acentuação no uso de drogas sintéticas, as produzidas em laboratório. Dessas, muitas têm uso medicinal, ou seja, são mantidas no hospital, para uso em pacientes, ou em farmácias, compradas com receitas médicas.²

Essas são as substâncias psicoativas: aquelas que, quando ingeridas ou administradas no organismo, são capazes de alterar os processos mentais e cognitivos dos indivíduos. Este termo e seu equivalente, droga psicotrópica, são os mais neutros e descritivos para toda a classe de substâncias lícitas (ex. álcool) e ilícitas (ex. maconha, cocaína). O termo “psicoativas” não implica necessariamente a produção de dependência. Em linguagem comum, muitas vezes, ele é deixado implícito, como em “uso de drogas” ou “abuso de substâncias”.³

Os medicamentos psicoativos seguem a classificação: anestésicos, ansiolíticos e hipnóticos, antipsicóticos, antidepressivos, antiepilépticos, estimulantes psicomotores, drogas alucinógenas e analgésicos.⁴

A detecção e a repercussão do uso e o abuso de psicotrópicos entre profissionais da saúde é um interesse comum que provoca preocupação dos estudiosos. Essa afirmativa advém da teoria de que tais usos e atitudes poderão tornar esses indivíduos dependentes, além de que o uso frequente dessas substâncias interfere diretamente no estabelecimento de um diagnóstico precoce, consequentemente de um encaminhamento, bem como tratamento de usuários.⁵

Por meio da globalização, o profissional enfrenta diariamente o desafio de se adaptar às mudanças de um mundo moderno, inclusive, de um mercado competitivo, que cobra constantemente um profissional cada vez mais qualificado. De acordo com essas exigências, as pessoas, muitas vezes, sacrificam-se no trabalho, envolvendo-se intensamente em tudo o que fazem.⁶ Somando-se a isso, o sofrimento pela grande

cobrança, pela responsabilidade e carga horária excessiva, convívio com a vida, com o sofrimento humano e a morte, além da facilidade de acesso às drogas.⁴

Os medicamentos psicotrópicos recebem destaque. Principalmente, os fármacos benzodiazepínicos, que estão entre os mais prescritos no mundo.¹

Esses profissionais ainda enfrentam um grande problema ao tentar tratar-se, visto que o preconceito, que já é grande aos usuários, tende a aumentar quando se trata de alguém que conhece os riscos e, muitas vezes, aconselha as pessoas que se afastem deles. Isso e o medo de ser afastado do trabalho durante o tratamento, a falta de confiança que produzirá nos pacientes que tomarem conhecimento dos problemas, atitudes indiferentes e preconceituosas por parte dos colegas de trabalho fazem com que escondam o problema, não procurando ajuda e se afundando cada vez mais no vício.⁵

Em virtude disso, chegou-se ao questionamento: “Quais os psicotrópicos utilizados por profissionais de saúde e qual o motivo que os levam a utilizá-los?” Como objetivos: Identificar o uso de medicamentos psicoativos entre profissionais da Saúde e identificar os fatores de risco para o uso de medicamentos psicoativos.

MÉTODO

Estudo descritivo, de abordagem quantitativa, com 123 profissionais de saúde que trabalhavam nos hospitais Hospital Escola Portugal Ramalho e Hospital Geral do Estado de Alagoas e estavam de serviço no momento da coleta, no período de agosto a outubro de 2015.

As variáveis estudadas foram: sexo, idade, estado civil, área de atuação, tempo de atuação, renda mensal, quantidade de vínculos empregatícios, prática de atividade física ou/e de lazer, uso de álcool e tabaco, uso de medicamentos psicoativos, tempo de uso, se foi receitado por profissional médico e se o início e manutenção do uso teve alguma relação com a atividade profissional.

Quanto à estatística, os dados foram expressos em total bruto e percentuais. Foram tabulados e analisados no Microsoft Excel, versão 2010, sendo, em seguida, expostos por meio de tabelas.

A pesquisa foi enviada ao Comitê de Ética em Pesquisa/CEP da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas/UNCISAL, no mês de maio de 2014, e aprovada no dia sete do mês de maio de 2015 sob CAAE:

31396914.4.0000.5011 e número do parecer 1.047.146.

Foram realizadas dez visitas entre os meses de agosto a outubro de 2015. Os trabalhadores aceitaram, de forma espontânea, participar da pesquisa, após esclarecimentos e compreensão de sua importância para a comunidade acadêmica. Em seguida, a pesquisadora solicitou ao participante que realizasse a leitura do TCLE e, posteriormente, o assinasse, atendendo à resolução 466/12 CONEP/CNS.

RESULTADOS

Tabela 1. Distribuição dos profissionais de acordo com o sexo, faixa etária, estado civil e tempo de atuação na área. Maceió (AL), Brasil, 2016.

Variável	Categoria	N	%
Sexo	Masculino	22	17,9
	Feminino	99	80.5
Faixa Etária	Não Respondeu	2	1.63
	20 - 30	18	14.63
	31 - 40	44	35.77
	41 - 50	33	26.82
	51 anos ou mais	27	22
Estado civil	Não respondeu	2	1.63
	Casado	55	44.7
	Solteiro	35	28.5
	Divorciado	22	17.9
	União estável	4	3.25
Tempo de atuação	Viúvo	1	0.81
	1- 5 anos	21	17.1
	6 - 10 anos	25	20.3
	11 - 15 anos	29	23.6
	16 anos ou mais	46	37.4
	Não respondeu	2	1.63

Quanto à renda mensal, considerando o valor do salário mínimo nacional de R\$788,00 reais na época deste estudo, 30,9% recebiam de dois a três salários; 0,81% recebia até 11 salários mínimos e 23,6% recebiam mais de 11 salários mínimos, sendo a Medicina a área de atuação com os maiores salários e a Enfermagem, superior e técnico, com os menores salários. Dos profissionais, 42,3% tinham dois empregos e 7,32% tinham mais de três empregos.

Dos 123 profissionais entrevistados, 36% não praticavam nenhuma atividade de lazer/hobby de forma regular; 41,5% alegaram, às vezes, praticar alguma atividade física e 13,8% nunca praticaram.

Em relação ao tabaco, 35,4% dos entrevistados fumavam e 38,2% faziam uso de álcool, com 2,44%, que alegaram fazer uso de bebida alcóolica mais de uma vez por semana.

Tabela 2. Distribuição de acordo com o uso de tabaco e álcool. Maceió (AL), Brasil, 2016.

Categoria	Variável	N	%
Tabaco	Sim	44	35,4%
	Não	79	64%
Álcool	Sim	47	38,2%
	Não	76	62%

No que se referia ao estresse, 14,6% consideravam-se pessoas estressadas; 13% sofriam de insônia regularmente e 26,8% tinham episódios de esporádicos.

Tabela 3. Distribuição dos profissionais quanto à ocorrência de insônia e estresse. Maceió (AL), Brasil, 2016.

Categoria	Variável	n°	%
Insônia	Sim	16	13%
	Não	72	58.5%
	Às vezes	33	26.8%
	Não respondeu	2	1.63%
Estresse	Sim	18	14.6%
	Não	43	35%
	Relativamente	62	50.4%

Quanto ao uso de medicamentos psicoativos, 37,4% fizeram uso de tranquilizantes e ansiolíticos. Desses, 71,73%, quando julgavam necessário; 17,39% diariamente e 10,86% não faziam mais uso. Dos profissionais citados, 63,04% tinham receita médica. Quanto ao tempo de uso, 65,21% utilizaram por menos de um ano e 34,78% fizeram uso do medicamento de um a cinco anos.

Na categoria dos opiáceos, 23,5% já experimentaram, 2,44% não responderam, sendo que 17,24% não tinham receita médica.

Em relação à atividade profissional, nas categorias de opiáceos e tranquilizantes, 9,76% alegaram que o uso de medicamentos psicoativos tinha relação com o trabalho e, quando perguntados sobre o porquê, todos referiram estresse, carga horária, más condições de trabalho e noites em claro como motivo para o uso desses medicamentos.

Tabela 4. Distribuição dos profissionais de acordo com uso de medicamentos psicoativos. Maceió (AL), Brasil, 2016.

Variável		n	%
Tranquilizantes e ansiolíticos	Sim	46	37.4%
	Não	74	60.2%
Frequência	Diariamente	8	17.39%
	Mais de uma vez ao dia	0	0%
	Quando julga necessário	33	71.73%
	Não usa mais	5	10.86%
Receitado por médico	Sim	29	63.04%
	Não	17	36.95%
Tempo de uso	Menos de um ano	30	65.21%
	1 - 5 anos	16	34.78%
Opiáceos	Já experimentou	29	23.5%
	Nunca experimentou	91	73.9%
	Faz uso regular	0	0%
	Não respondeu	3	2.44%
Receitado por médico	Sim	18	62.06%
	Não	5	17.24%
	Não respondeu	5	17.24%

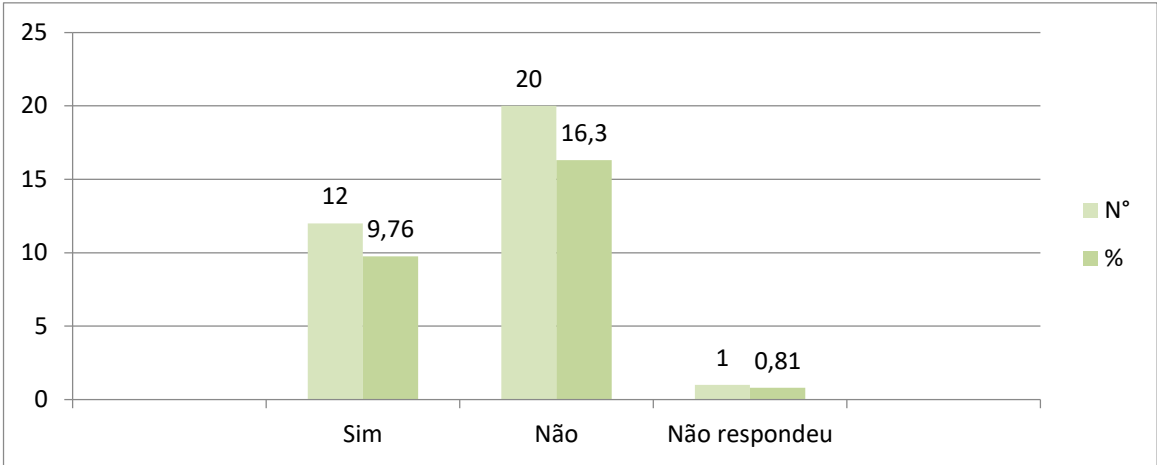


Figura 1. Relação de uso de medicamentos psicoativos e atividade profissional. Maceió (AL), Brasil, 2016.

DISCUSSÃO

Dos 123 profissionais entrevistados, 17 (13,8%) nunca praticaram atividade física e 43 (35%) não praticavam nenhuma atividade de lazer/hobby. Por estarem inseridos em uma área que lida diariamente com a dor, os profissionais da saúde, muitas vezes, ignoram seu momento de lazer na vida, ao se dedicarem intensamente a seu trabalho tornam-se, muitas vezes, indiferentes e desmotivados.⁶

Com relação à quantidade de empregos, percebe-se, neste estudo, que o profissional necessita de, pelo menos, dois vínculos empregatícios para manter um padrão de vida aceitável.

Quanto ao estresse, 18 (14,6%) dos profissionais consideram-se pessoas estressadas. Os profissionais da saúde, em sua atividade laboral, encontram-se expostos a psicopatologias, como transtorno psicológico, em decorrência da relação entre o trabalho hospitalar e a saúde e, mais especificamente, o trabalho hospitalar e a saúde mental do profissional. Esta relação expõe os trabalhadores fisicamente, por exposição aos riscos químicos, às radiações, às contaminações biológicas, ao excesso de calor, ao sistema de plantões, à excessiva carga horária de trabalho e à organização dos profissionais da saúde; e psiquicamente, decorrente da convivência diuturna com o sofrimento, a dor, a doença e a morte, tendo que “digerir” tais circunstâncias, paralelamente aos seus problemas emocionais.⁷

Dos 123 entrevistados, 54 eram enfermeiros, desses, 21% se consideraram pessoas estressadas. Esse foi o maior número entre todos os outros profissionais entrevistados. Foram também os enfermeiros os profissionais de nível superior que receberam os menores salários.

Além disso, é importante destacar que a Enfermagem é uma profissão exercida, em sua maioria, por mulheres. Essas geralmente vivenciam diversas atividades além da profissão, como a criação dos filhos e atividades domésticas que podem, também, levar a um quadro de estresse.⁸

Quanto ao uso de medicamentos psicoativos, 46 (37,4%) dos profissionais já fizeram uso de tranquilizantes ou ansiolíticos. Há estudos que apontam médicos e enfermeiros como mais suscetíveis à dependência de determinadas drogas devido à maior possibilidade de autoadministração, pois têm livre acesso a essas substâncias em

seu cotidiano de trabalho, sendo responsáveis ainda pelo seu armazenamento e controle.⁹ Nessa categoria, também os enfermeiros se destacaram. Entre os participantes, 54 eram enfermeiros. Desses, 34,44% utilizaram tranquilizantes ou ansiolíticos.

Esta análise corrobora com um estudo em que o uso de medicação psicoativa foi confirmado por 14 trabalhadores de Enfermagem (28,5% da amostra), sendo que a medicação mencionada com maior frequência foram os antidepressivos, citados por seis trabalhadores (12,2%).¹⁰

Dos profissionais entrevistados, 22 (29,33%) relataram não ter prescrição médica para a compra e uso dessas medicações e as utilizam quando acham necessário, o que chama a atenção para os perigos da automedicação. Os profissionais de saúde que fazem uso abusivo de drogas têm consciência, pela sua formação, de que estão infringindo o código de ética da profissão, entretanto, não conseguem controlar suas ações. E, muitas vezes, seus colegas percebem isso, mas preferem omitir-se, evitando, assim, constrangimentos para a pessoa, equipe, profissão e até para a instituição empregadora.⁹

Quanto ao uso de medicamentos psicoativos por profissionais da saúde, identificou-se que a maioria dos usuários desenvolvia uma segunda jornada de trabalho, não praticava lazer e considerava o ambiente de trabalho estressante. Logo, esses profissionais não são imunes a doenças relacionadas ao estresse ou a comportamentos de risco à saúde e apontam algumas estatísticas que reforçam tais fatos: enfermeiros são 30 a 100 vezes mais propensos que a população em geral a se tornarem quimicamente dependentes e apresentam um elevado grau de síndrome de exaustão, se comparados com outros profissionais.¹¹

Quanto aos opiáceos, 28 (22,8%) dos 123 entrevistados relataram já haver experimentado, em algum momento da vida. O uso de analgésicos está ligado à dor sofrida pelo trabalhador da saúde. Ela pode estar relacionada ao perfil das unidades de trabalho, caracterizado pelo desgaste físico, pelo alto ritmo e cargas de trabalho exaustivas para os profissionais, podendo levar ao surgimento da ansiedade e do estresse. Alterações no padrão do sono também podem ocorrer devido à dor, quando tratada de maneira inadequada.¹²

Dos participantes, 12 trabalhadores responderam que o uso de medicamentos

Maciel MPGS, Santana FL, Martins CMA et al.

psicoativos tinha relação com a atividade profissional. Todos eles alegaram que as más condições de trabalho, alta carga horária, várias noites de sono perdidas e estresse foram o motivo para o uso desses medicamentos. Os profissionais da saúde são expostos a ambientes de trabalho intensamente insalubres, tanto no sentido material, quanto subjetivo e, por estarem submetidos a condições de trabalho precarizadas e à baixa qualidade de vida, são expostos a situações nas quais a manutenção da saúde está prejudicada.¹³

No transcorrer das reflexões da pesquisadora, percebe-se que alguns profissionais de saúde utilizam as drogas tentando minimizar ou reverter o burnout (síndrome de desgaste profissional). Com isso, acabam por desenvolver outros desequilíbrios e infringem os preceitos da ética e estética da profissão, visto que o efeito da droga altera o comportamento, modifica o raciocínio lógico, a tomada de decisões e a execução de procedimentos especializados, colocando em risco a vida das pessoas sob seus cuidados.⁹

Nos hospitais onde os profissionais foram entrevistados, observou-se grande facilidade para a obtenção de psicoativos. Estes, que deveriam ser guardados e dispensados em momentos de necessidade do paciente, estavam expostos em balcões ou armários de trancas quebradas e sua dispensação não seguia nenhum protocolo que pudesse ser considerado rígido. Assim, não havia dificuldade alguma para que qualquer funcionário, querendo utilizar a medicação, pegasse e fizesse uso no momento ou levasse para fazê-lo em casa.

CONCLUSÃO

Constatou-se, no estudo, que há uma prevalência quanto ao uso de ansiolíticos e tranquilizantes entre os profissionais de saúde, bem como também, menor, mas não menos importante, de opiáceos. Foi possível perceber, também, que a alta carga horária de trabalho dos profissionais da área da saúde, más condições de trabalho e salário defasado têm tido grande importância para o início e manutenção do uso de psicoativos e que, apesar de estarem informados quanto ao perigo da automedicação, o estresse diário ainda os leva a praticá-la, o que pode trazer prejuízos à sua saúde e a dos pacientes que são atendidos todos os dias nas unidades hospitalares.

Observou-se que a maioria desses profissionais possui mais de um vínculo empregatício, alguns deles, ultrapassando três

Uso de medicamentos psicoativos entre profissionais...

vínculos, logo, seus dias longe de casa e da família são em maiores quantidades que outros profissionais que trabalham em horário regular, o que aumenta, de acordo com a pesquisa, seu sofrimento psíquico, diminuindo seu rendimento no ambiente de trabalho, o que leva ao medo de perder o emprego, diminuindo a renda, fazendo-o procurar formas de contorná-lo, chegando até a automedicação.

Outro ponto importante é que grande parte desses profissionais alegou não praticar qualquer atividade de lazer ou física, o que os torna, apesar da maratona diária no campo profissional, pessoas sedentárias, com alto risco de adquirir comorbidades que influenciarão ainda mais o aumento do nível de estresse já presente em seu dia a dia.

A identificação do perfil dos profissionais de saúde em uso de medicamentos psicoativos torna-se importante para o conhecimento de dados concretos, para o estabelecimento de ações preventivas voltadas a este grupo de pessoas. Uma vez que é muito claro que o bem-estar e a saúde ocupacional do trabalhador na área hospitalar englobam também os aspectos sociodemográficos e psicológicos, há uma maior chance de intervir, promovendo atividades de educação em saúde como seminários, palestras e rodas de conversa sobre o tema. Indo mais além, com a publicação dos dados, conseguir que as instituições em questão ofereçam apoio psicológico ao funcionário e melhores condições de trabalho.

Esse trabalho traz contribuições para aumentar o entendimento dos problemas pelos quais os profissionais da área de saúde e da atividade hospitalar passam em seu dia a dia, fornecendo um ponto de partida para novas pesquisas sobre o uso de medicamentos psicoativos e como podem afetar o usuário, os que convivem com ele e aqueles que dependem dele.

REFERÊNCIAS

1. Forsan MA. O uso indiscriminado de benzodiazepínicos: uma análise crítica das práticas de prescrição, dispensação e uso prolongado [trabalho de conclusão de curso] [Internet]. Campos Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais; 2010. Available from: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0649.pdf>
2. Cordioli AV. Psicofármacos nos transtornos mentais [Internet]. Porto Alegre: UFRGS; [200-]. Available from: http://www.ufrgs.br/psiquiatria/psiq/Caballo%206_8.pdf

Maciel MPGS, Santana FL, Martins CMA et al.

Uso de medicamentos psicoativos entre profissionais...

3. World Health Organization. Management of substance abuse: psychoactive substances [Internet]. Geneva: WHO; 2016 [cited 2016 July 02]. Available from: http://www.who.int/substance_abuse/terminology/psychoactive_substances/en

4. Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo. Info Drogas. Psicotrópicos ou drogas psicotrópicas [Internet]. São Paulo: IMESC; 2014 [cited 2013 June 07]. Available from: <http://www.imesc.sp.gov.br/infodrog.htm>

5. Anjos WC, Araújo CP, Cannizza MP, Cunha MGC, Framil US, Gomes LP, et al. Uso de álcool e psicotrópicos e o sofrimento psíquico em estudantes de medicina da Universidade Estácio de Sá. Adolesc Saúde [Internet]. 2009 Jan/Mar [cited 2014 Jan 25];6(1):28-32. Available from: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=38

6. Estanislau A, Marques IR. Afastamentos por transtornos psicológicos entre profissionais de um hospital público. Rev Enferm UNISA [Internet]. 2010 [cited 2014 Jan 25];11(1):24-30. Available from: <http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2010-1-04.pdf>

7. Ferreira LAL, Ferreira LL. Depressão no trabalho da enfermagem: revisão sistemática de literatura. Universitas: Ciênc Saúde [Internet]. 2015 Jan/June [cited 2014 Jan 25];13(1):41-8. Available from: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciassaude/article/download/2849/2731>

8. Versa GLGS, Murassaki ACY, Inoue KC, Melo WA, Faller JW, Matsuda LM. Estresse ocupacional: avaliação de enfermeiros intensivistas que atuam no período noturno. Rev Gaúcha Enferm [Internet]. 2012 June [cited 2016 July 18];33(2):78-85. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n2/12.pdf>

9. Oliveira AF, Teixeira ER. Concepções sobre o uso da automedicação pelos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva oncológica. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2016 Jan [cited 2016 July 18];10(1):24-31. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/8463/13926>

10. Vieira TG, Beck CLC, Dissen CM, Camponogara S, Gobatto M, Coelho APF. Adoecimento e uso de medicamentos psicoativos entre trabalhadores de enfermagem de unidades de terapia intensiva.

Rev Enferm UFSM [Internet]. 2013 May/Aug [cited 2016 July 18];3(2):205-14. Available from:

<http://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/7538/pdf>

11. Rocha PR, David HMSL. Padrão de consumo de álcool e outras drogas entre profissionais de saúde: retrato de alunos de cursos lato sensu de uma instituição pública. SMAD Rev eletrônica saúde mental álcool drog [Internet]. 2015 Mar [cited 2016 June 25];11(1):[about 5 p]. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v11n1/pt_07.pdf

12. Smeltzer SC, Bare GB, Hinkle JL, Cheever KH, editores. Brunner & Suddarth: tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. 12nd ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2011.

13. Oliveira GZ, Moreira GSR, Gonçalves SWA, Espíndula BM, Silva GZ. Os reflexos, na saúde do trabalhador, do dimensionamento inadequado dos profissionais de enfermagem. Rev Eletrônica Enferm Centro Estud Enferm Nutr [Internet]. 2012 Aug/Sept [cited 2016 July 18]. Available from: <http://www.cpgls.pucgoias.edu.br/7mostra/Artigos/SAUDE%20E%20BIOLOGICAS/Dimensionamento%20inadequado%20dos%20profissionais%20de%20enfermagem%20e%20os%20reflexos%20na%20sa%C3%BAdade%20do%20trabalhador.pdf>

Submissão: 23/07/2016

Aceito: 02/07/2017

Publicado: 20/07/2017

Correspondência

Maria da Piedade Gomes de Souza Maciel
Av. Lourival Melo Mota, S/N
Bairro Tabuleiro do Martins
CEP: 57072-900 - Maceió (AL), Brasil